

As controvérsias acerca do estatuto categorial dos advérbios

Bianca Agrelli Rodrigues¹

RESUMO:

Os advérbios são alvo de constante debate na literatura, de modo que os autores que debruçaram-se sobre o tema, divergem em sua visão a respeito de como definir essa classe de palavras. Na literatura, os advérbios são frequentemente apontados como subclasse de outras categorias, como preposições (LEMLE, 1984; EMONDS, 1976; LEE, 1999), pronomes (BOMFIM, 1988) ou adjetivos (BAKER, 2003; BASÍLIO, 2007; LOBATO, 2008), por exemplo. Contudo, sob a argumentação de que esses advérbios apresentam um comportamento morfossintático próprio que os distancia de outras categorias, alguns autores (JACKENDOFF, 1977; PAYNE et. Al., 2010) propõem que tais elementos se constituem como uma classe categorial própria e independente. Inserindo-se nesse cenário controverso, este artigo faz uma revisão e organização da literatura sobre o estatuto categorial dos advérbios, com o objetivo de resgatar debates acerca dessa classe gramatical complexa e trazer luz à problemática da classificação linguística dos advérbios, uma vez que essa classe constitui um grande desafio para as teorias linguísticas e ainda não há um posicionamento consensual sobre seu estatuto categorial.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbios. Categoria. Subcategoria. Adjetivos. Pronomes. Preposições.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
E-mail: biancaagrelli@hotmail.com - ORCID: 0000-0003-0752-9575.

1. INTRODUÇÃO

Elemento constitutivo das gramáticas contemporâneas, a classe dos advérbios é comumente definida como uma classe de palavras invariável, que essencialmente modifica um verbo, adjetivo, advérbio ou até mesmo uma sentença (CUNHA & CINTRA, 2001). Contudo, tal definição não parece ser suficiente uma vez que, como apontado por diversos estudiosos, como Macambira (2001), por exemplo, a partir de uma perspectiva estruturalista, os advérbios são capazes de modificar diferentes classes gramaticais, como pronomes (1a-b), numerais (1c), preposições (1d), conjunções (1e) e até mesmo substantivos (1f). Os dados abaixo ilustram essa questão (Macambira, 2001, p. 42- 45):

- (1) a. O guia da excursão já nos esclareceu quase tudo.
 b. Isso aqui é fácil.
 c. O caderno tem exatamente sessenta folhas.
 d. O pássaro voava exatamente sobre a cabeça do adormecido.
 e. Fechou a porta pouco antes que o ladrão viesse.
 f. Meu amigo aqui formou-se em Roma.

Ainda sob uma perspectiva linguística estruturalista, Câmara Jr. (1970) ao discutir a classificação dos vocábulos formais, propõe que tais elementos se dividem a partir de diferentes critérios: o semântico, o mórfico e o funcional, tal como delineado abaixo (p. 77):

Há, em princípio, três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outro, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical que podem apresentar. Um terceiro critério, que teve muita acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística sincrônica de Bloomfield, é o funcional, ou seja, a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença.

A partir da associação desses critérios, o autor sistematiza a classificação dos vocábulos em nomes, verbos e pronomes (Câmara Jr., 1970, p.79):

Nome	Substantivo (termo determinado ²)
	Adjetivo (termo determinante de outro nome)
	Advérbio (termo determinante de um verbo)
Verbo	
Pronome	Substantivo (termo determinado)
	Adjetivo (termo determinante de um nome)
	Advérbio (termo determinante de um verbo)

² Na terminologia adotada pelo autor a noção de termo “determinado” parece se referir ao núcleo da expressão linguística, enquanto o termo “determinante” se refere a uma espécie de modificador.

A respeito especificamente dos advérbios, o autor entende que tais elementos podem apresentar natureza nominal ou pronominal, servindo de determinante a um verbo. Entre os elementos do primeiro tipo estariam formas nominais, como “ontem” e “agora”, por exemplo, além de formas adjetivais, incluindo aquelas com a anexação de -mente. Por outro lado, entre os elementos do segundo tipo incluem-se “aqui” e “lá”. O autor reconhece, no entanto, que há certa dificuldade em delimitar a classe dos advérbios, visto que a mobilidade semântica dessas palavras pode resultar em uma mudança de significado.

Com o desenvolvimento das teorias formais de gramática, tal como a tradição de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), a noção de categoria lexical não atinge grandes avanços em termos explicativos. Em Chomsky (1981, p.48), as categorias lexicais são caracterizadas pela distribuição de traços $[\pm N]$ e $[\pm V]$, resultando no seguinte sistema:

Tabela 1- Representação de traços que definem as categorias lexicais segundo Chomsky (1981)

TRAÇO [N]	TRAÇO [V]	CATEGORIA
[+N]	[-V]	Nome
[-N]	[+V]	Verbo
[+N]	[+V]	Adjetivo
[-N]	[-V]	Preposição

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Observando as categorias lexicais propostas por Chomsky (1981), fica evidente que os advérbios não são definidos como uma categoria lexical independente. Contudo, é importante ressaltar que o próprio autor assume a possibilidade de haver traços secundários para distinguir adjetivos e advérbios. Essa proposta serviu como base para alguns autores assumirem que, na verdade, os advérbios nada mais seriam do que uma subclasse de outras categorias. Dentre os autores que definem o advérbio como subclasse de outras classes lexicais, há ainda uma importante controvérsia em relação à qual categoria deveria englobar o advérbio, uma vez que essa classe abriga elementos com comportamento heterogêneo.

É bastante comum na literatura a ideia de que os advérbios são, na verdade, uma subclasse dos adjetivos (Baker, 2003; Basílio, 2007; Lobato, 2008), sendo que ambos os elementos atuam como modificadores, embora em domínios contextuais distintos. No entanto, algumas propostas relacionam, por suas semelhanças distribucionais, os advérbios à categoria das preposições (Lemle, 1984; Emonds, 1976; Lee, 1999) e outras, ainda, os relacionam aos

pronomes (Bomfim, 1988), principalmente considerando o caráter dêitico de alguns advérbios. Além disso, sob a argumentação de que os advérbios apresentam diversas propriedades que os distinguem dessas outras categorias, encontramos ainda na literatura (Jackendoff, 1972; Payne et al., 2010) a proposta de que os advérbios devam ser tratados como classe independente.

Inserindo-se nesse cenário controverso, este artigo faz uma revisão e organização da literatura sobre o estatuto categorial dos advérbios. Para tanto, este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, discutimos as relações entre advérbios e preposições, como apontado em Lemle (1984), Emonds (1976) e Lee (1999), que debatem a possibilidade de que alguns advérbios apresentem natureza preposicional; na seção 3, apresentamos, por sua vez, a investigação de Bomfim (1988), que define os advérbios com propriedades dêíticas como classe intrínseca aos pronomes; já na seção 4, tratamos de algumas propostas que defendem os advérbios como uma subclasse dos adjetivos, a partir da percepção de que adjetivos e advérbios compartilham propriedades fundamentais (Baker, 2003; Basílio, 2007); na seção 5, por outro lado, abordamos a proposta de Payne et al. (2010), que argumentam que os advérbios representam uma categoria única e independente; finalmente, na seção 6, desenvolvemos nossas considerações finais a respeito do debate detalhado neste estudo. Iluminar o debate delicado acerca do estatuto categorial dos advérbios na literatura, tem o potencial de fundamentar outros estudos que ofereçam novas perspectivas quanto a essa questão.

2. ADVÉRBIOS E PREPOSIÇÕES

Discutindo os critérios de classificação oferecidos pela tradição gramatical em oposição àqueles empregados pela literatura de base linguística, Lemle (1984) faz uma distinção entre rotulação funcional e rotulação categorial, argumentando em favor da segunda visão.

Segundo a autora, a rotulação funcional seria o mecanismo amplamente adotado pela tradição gramatical, que distingue, por exemplo, o estatuto de elementos encabeçados por preposição a partir de sua função na sentença.

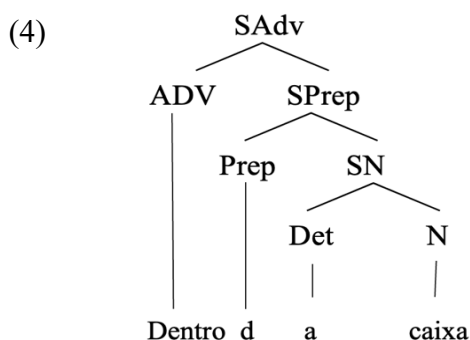
- (2) a. Dançou de muletas.
- b. A bailarina de muletas.

Dessa forma, uma preposição seguida de nome que se apresente em uma função equivalente à de advérbio é classificada como locução adverbial (2a). No entanto, quando essa mesma sequência possui uma função equivalente a adjetivos, a gramática tradicional a classifica como locução adjetiva (2b). A rotulação categorial, adotada, por sua vez, nos estudos

gerativistas, classifica os sintagmas a partir da natureza do seu núcleo, o que, a despeito das diferentes funções e com foco na estrutura da expressão linguística, permite unificar as locuções adjetivas ou adverbiais ao estatuto de sintagma preposicional.

A autora também aborda a descrição dada às chamadas locuções preposicionais, que seriam formadas por advérbios seguidos de preposições. Lemle (1984) assume que um advérbio pode licenciar complementos, logo, em dados como (3a), teríamos um advérbio propriamente dito e, em dados como (3b), teríamos um sintagma adverbial, como ilustrado na estrutura (4).

- (3) a. Dentro/ depois/ abaixo
b. Dentro da caixa/ depois da festa/ abaixo do título



(Lemle, 1984, p. 131)

Contudo vale ressaltar que nos casos como (3a-b), por exemplo *dentro/dentro da caixa*, *depois/depois da festa*, *abaixo/abaixo do título*, a contração da preposição com o sintagma nominal referente poderia acarretar uma mudança de classe lexical, i.e., haveria uma adverbialização de sintagmas preposicionais. Com isso, Lemle (1984) descarta o princípio da rotulação funcional para estabelecer as fronteiras entre advérbios e preposições, destacando a possibilidade de adverbialização de sintagmas preposicionados no PB e explicando esse processo como uma redução de preposições a prefixos.

Com base na ideia de que preposições podem ser tanto transitivas como intransitivas, a autora propõe que elementos como *antes*, *depois*, *abaixo*, *dentro*, *fora*, *acima* sejam tratados de maneira unificada. Segundo Lemle (1984), a classificação não uniforme oferecida pela gramática tradicional deriva do ambiente sintático em que esses termos se encontram inseridos, ou seja, em ambientes intransitivos esses termos são classificados como advérbios (5a), enquanto em ambientes transitivos recebem nomenclatura de locuções prepositivas (5b).

- (5) a. Maria dormiu fora
b. Maria dormiu fora de casa

De acordo com Lemle (1984), a classificação uniforme de tais elementos como preposições captaria a semelhança na distribuição sintática que há entre essas duas classes de palavras. Dessa maneira, a autora argumenta a favor de uma subclasse unificada, conforme as semelhanças semânticas e sintáticas que acredita haver entre preposições e advérbios.

Lemle (1984) ainda observa que sintagmas preposicionais e advérbios possuem semelhanças semânticas e, por essa razão, podem ocupar a mesma posição sintática, como nos dados mostrados a seguir:

- (6) a. Trabalhe atentamente.
 b. Trabalhe com atenção.

 c. Cuidadoso demais.
 d. Cuidadoso em demasia.

 e. Excessivamente com cuidado.
 f. Com cuidado em excesso.

 g. A nossa revolta hoje.
 h. A nossa revolta neste dia.

(Teixeira, 2015, p. 49)

Ao observar esses dados, a autora conclui que todos os contextos que aceitam modificação por advérbios também aceitam modificação por preposições. Assim, Lemle (1984), ancorada nas semelhanças semânticas e nas suas respectivas distribuições sintáticas, defende que a classe abrangente no sentido funcional seria a das preposições e, portanto, os advérbios constituíram uma subclasse delas. Dessa forma, a autora propõe a existência de uma única classe, a das preposições, que poderia ser transitiva ou intransitiva. Nesse segundo caso, estariam os elementos tradicionalmente classificados como advérbios.

Seguindo o argumento de que advérbios e preposições compartilham algumas propriedades semelhantes, Emonds (1985) propõe que alguns advérbios – como *home* ('em casa'), *downstairs* ('embaixo') e *afterward* ('depois'), além de outras partículas pós-verbais como *aboard* ('a bordo'), *abroad* ('no exterior'), *away* ('para fora'), *here* ('aqui'), *now* ('agora'), *somewhere* ('em algum lugar'), *then* ('naquele tempo'), *there* ('lá'), *when* ('quando'), entre outros – são classificados de maneira mais adequada quando os assumimos como preposições. Mais especificamente, o autor aponta que o comportamento desses elementos considerados pela literatura tradicionalmente como advérbios é mais semelhante ao comportamento de preposições. É interessante ressaltar que a proposta do autor não aborda diretamente os advérbios formados em -ly. A suposição do autor, feita em nota de rodapé, é a de que o sufixo -ly do inglês seria, na verdade, uma espécie de afixo flexional que se anexa a adjetivos.

Nessa mesma perspectiva, Lee (1999) também ilustra a dificuldade de delimitação das fronteiras entre alguns tipos de advérbios e as preposições a partir da observação de que tais elementos compartilham um grande número de propriedades. Em dados como os em (7), por exemplo, não é óbvio, segundo o autor, se os itens *outside* ('fora'), *before* ('antes') e *behind* ('atrás') devem ser analisados como preposições, como complementos elípticos ou como advérbios.

- (7) a. John was in the house, but I stayed outside.
'John estava em casa, mas eu fiquei do lado de fora'
- b. Sue left at three, but Jo left before.
'Sue saiu às três, mas Jo saiu antes'
- c. I'll stand in front of Ed and you stand behind.
'Eu vou ficar na frente de Ed e você atrás'

(Lee, 1999, p. 136)

Outro fator relevante apontado por Lee (1999) a fim de argumentar em favor do tratamento dos advérbios como preposições está relacionado ao fato de que os advérbios podem funcionar como complemento de verbos que tomam PPs como seus complementos.

- (8) a. He went [to the door]PP.
'Ele foi para a porta'
- b. He went [downstairs]ADVP.
'Ele foi lá embaixo'
- c. He went [in]PP.
'Ele foi para dentro'
- d. He went [abroad]ADVP.
'Ele foi ao exterior'

(Adaptado de Lee, 1999, p.137)

No mesmo sentido, o autor aponta que, assim como os sintagmas preposicionados, alguns advérbios podem surgir na posição de modificadores pós-nominais, como é o caso dos exemplos em (9), nos quais as estruturas adverbiais e preposicionais possuem uma estrutura sintática semelhante.

- (9) a. The man [in the corner]PP.
'O homem no canto'
- b. The man [outside]ADVP.
'O homem lá fora'

- c. The bed [downstairs]ADVP.
‘A cama no andar de baixo’

Ainda de acordo com Lee (1999), advérbios e sintagmas preposicionados podem se alternar no complemento de preposição (10a-c), ou ainda, podem exigir sintagmas preposicionados como complemento (10d-e).

- (10) a. From [under the bed]PP.
‘De debaixo da cama’
- b. From [downstairs]ADVP.
‘Do andar de baixo’
- c. From [outside]ADVP.
‘De [fora]’
- d. [From]P under the bed.
‘De debaixo da cama’
- e. [Here]ADV in Australia.
‘Aqui na Austrália’

(Adaptado de LEE, 1999, p. 140)

Em suma, na perspectiva de Lee (1999), os advérbios tratados como preposições seriam aqueles que apresentam as seguintes propriedades:

- Ao contrário dos advérbios (prototípicos), esses elementos podem funcionar como complementos verbais, sendo que os verbos em questão são justamente aqueles que levam complementos de PP;
- Podem pós-modificar substantivos;
- Não podem pré-modificar adjetivos ou outros advérbios;
- Podem funcionar como complementos de preposições.
- Podem tomar PPs como complementos.

É importante ressaltar, no entanto, que Lee (1999) reconhece que tais elementos não seriam advérbios prototípicos, uma vez que eles apresentam um comportamento diferenciado, tais como a ausência da morfologia -ly e a incapacidade de licenciar modificadores de grau, por exemplo.

Na seção a seguir, continuamos a apresentar a literatura que discute o estatuto categorial dos advérbios, abordando a proposta de Bomfim (1988), na qual a autora assume que alguns

advérbios compartilham, na verdade, muitas propriedades sintáticas e semânticas relativas à classe dos pronomes.

3. ADVÉRBIOS E PRONOMES

Em seus estudos, Bomfim (1988) trata a classe dos advérbios como uma classe composta por propriedades semânticas e sintáticas não uniformes, propondo que alguns advérbios apresentam propriedades semelhantes às dos pronomes. Para tanto, Bomfim (1988) revisita o estatuto de elementos tradicionalmente classificados pelas gramáticas como advérbios de tempo e lugar, separando-os em diferentes grupos.

Dentre os advérbios de tempo, o primeiro grupo é composto pelos advérbios propriamente temporais – como *ontem*, *hoje* e *amanhã*, por exemplo – que permitem uma localização no tempo a partir de uma referência precisa e, por isso, respondem adequadamente à pergunta “quando?”. Já o segundo grupo de advérbios abriga aqueles que não são capazes de responder a essa pergunta devido ao fato de estarem ligados ao processo verbal, como *cedo* e *tarde*, por exemplo. Além disso, esse segundo tipo de advérbio pode coocorrer com outros advérbios temporais e pode ser modificado por intensificadores.

- (11) a. Chegou hoje cedo.
b. Chegou hoje muito cedo/ bem cedo.
c. Chegou cedo hoje.

(Bomfim, 1988, p. 28)

Ainda segundo a autora, os advérbios propriamente temporais, por possuírem um ponto de referência específico e se referirem ao enunciado como um todo, apresentariam maior possibilidade de mobilidade na estrutura, como pode ser visto nos dados a seguir:

- (12) a. João chegou da Europa hoje.
b. Hoje João chegou da Europa.
c. João hoje chegou da Europa.
d. João chegou hoje da Europa.

(Bomfim, 1988, p. 30)

Dessa mesma forma, tais elementos, diferentemente dos advérbios *cedo* e *tarde*, por exemplo, não podem ser intensificados.

- (13) a. *João chegou da Europa muito hoje.
b. *João chegou da Europa muito ontem.
c. *João chegará da Europa muito amanhã.

Bomfim (1988), ao analisar dados como os apresentados acima, indica que os advérbios propriamente temporais manifestam propriedades semelhantes à dos pronomes dêiticos, tendo um ponto de referência no contexto extralinguístico. Dessa forma, tais elementos podem, segundo a autora, substituir uma expressão nominal e exercer a função de sujeito na estrutura³:

- (14) a. Hoje e amanhã são dias de festa.
b. Ontem foi um dia péssimo.
c. Amanhã será outro dia.

(Bomfim, p. 1988, p. 31)

Uma interessante evidência do papel de sujeito desses elementos nas formas acima é, segundo a autora, o fato de que em (14a) eles levam o verbo para o plural.

Já a respeito dos advérbios de lugar, na mesma linha da proposta para os advérbios de tempo, Bomfim (1988) assume que aqueles que possuem propriedades dêiticas, como *aqui*, *lá* e *aí*, por exemplo, também devem ser englobados na categoria dos pronomes. Uma evidência para essa classificação é que os dêiticos de lugar também podem exercer a posição de sujeito na estrutura.

- (15) a. Aqui é o melhor lugar do mundo.
b. Lá continua um paraíso.

(Bomfim, p. 1988, p. 36)

Dessa forma, ao analisar os dados apresentados, a autora defende que os dêiticos temporais e espaciais, como *ontem*, *hoje*, *amanhã*, *aqui* e *lá*, tradicionalmente classificados como advérbios de tempo e lugar pelas gramáticas normativas, se enquadrariam melhor na classe dos pronomes. Todavia, Bomfim (1988) aponta que a classe dos advérbios é heterogênea e compartilha características sintáticas, morfológicas e semânticas de diversas outras categorias lexicais, não tendo uma paridade exclusiva entre a classe dos pronomes e dos advérbios.

Na mesma linha, autores como Ilari et al. (1989) também apontam que os advérbios considerados por eles do tipo dêitico não apresentam as mesmas propriedades dos outros tipos de formações adverbiais. Os autores destacam que advérbios dêiticos podem ser referenciais ou podem ser licenciados em posição argumental, como reforçam os exemplos abaixo, o que seria compatível com a classe dos pronomes.

³ A autora reconhece que advérbios como *cedo* também podem ocupar a posição de sujeito sintático. Contudo, na visão da autora, há limitações semânticas para esses advérbios, visto que, esse tipo de advérbio deve respeitar um referencial específico, não possuindo muita mobilidade na sentença, caso contrário sentenças como ‘*Cedo é dia da alegria’ deveriam ser permitidas.

- (16) a. Mas a cadeia de supermercados aqui é do Recife.
 b. Hoje tem sistema financeiro de habitação.
 c. Eu gosto demais de lá e gostaria de morar, então eu estive vendo preços de aluguel.
 (Ilari *et al*, 1989, p. 59)

Na próxima seção, colocamos em discussão propostas de autores como Baker (2003) e Basílio (2007), que classificam os advérbios como uma subclasse dos adjetivos por possuírem propriedades semelhantes a essa classe de palavras.

4. ADVÉRBIOS E ADJETIVOS

Em linhas gerais, o argumento de base para que advérbios e adjetivos sejam assimilados à mesma classe é a ideia de que eles ocorrem em ambientes mutuamente exclusivos, sendo considerados elementos em distribuição complementar e, portanto, com o mesmo estatuto formal. Mais precisamente, tal assunção é fruto da observação de que adjetivos modificam nomes, enquanto advérbios modificam verbos, adjetivos e outros advérbios. Sendo assim, a escolha entre adjetivos e advérbios passa a ser vista como algo completamente previsível a partir da categoria do elemento modificado e tais classes são tomadas como variantes de uma única categoria.

Dentre as similaridades que têm sustentado a unificação entre adjetivos e advérbios está a observação de que elementos de ambas as classes estão sujeitos a processos formais semelhantes. Nesse sentido, o comparativo de um advérbio em inglês, por exemplo, é formado da mesma maneira que o comparativo de um adjetivo: ou através da presença de *more* ou através da afixação de *-er*, como apontado por Déchaine (2003):

- (17) a. She thinks *more quickly* than me.
 ‘Ela pensa mais rápido do que eu’
 b. Her brain is *more quick* than mine.
 ‘O cérebro dela é mais rápido que o meu’
 c. She thinks *quicker* than me.
 ‘Ela pensa mais rápido do que eu’
 d. Her brain is *quicker* than mine.
 ‘O cérebro dela é mais rápido que o meu’
 (Déchaine, 2003, p. 68)

Na verdade, de maneira geral, como apontado por Baker (2003) os modificadores de grau que atuam sobre os adjetivos são exatamente os mesmos que modificam os advérbios.

- (18) a. Chris entered the house as quietly as a mouse.

‘Chris entrou na casa silenciosamente como um rato’

b. Chris is as quiet as a mouse.

‘Chris é silenciosos como um rato’

c. Chris entered the house so quietly that no one noticed.

‘Chris entrou na casa tão silenciosamente que ninguém percebeu’

d. Chris is so quiet that no one notices him.

‘Chris é tão silencioso que ninguém o nota’

(Baker, 2003, p. 231)

Mais especificamente, Baker (2003) aponta que os advérbios podem pertencer à classe atributiva dos adjetivos. Tal fato se justifica na observação de que, como no caso dos adjetivos atributivos do inglês, advérbios não podem ter complementos quando eles aparecem antes do núcleo modificado (cf. também JACKENDOFF, 1977).

(19) a. John is a proud (*of his daughter) man.

‘John é um homem orgulhoso (*de sua filha)’

b. John proudly (*of his daughter) showed everyone his photo album.

‘John orgulhosamente (*de sua filha) mostrou a todos seu álbum de fotos’

(Baker, 2003, p. 231)

Por fim, advérbios em projeções verbais ou adjetivais parecem corresponder, segundo Baker (2003), a adjetivos em projeções nominais derivadas semanticamente paralelas.

(20) a. Italy *brutally* invaded Albania. Chris is *extremely* shy.

‘A Itália invadiu brutalmente a Albânia. Chris é extremamente tímido’

b. Italy’s *brutal* invasion of Albania Chris’s *extreme* shyness.

‘A brutal invasão da Itália na Albânia A extrema timidez de Chris’

(Baker, 2003, p. 231)

Além disso, de uma perspectiva tipológica, Baker (2003) afirma que a hipótese de que advérbios e adjetivos pertencem a uma mesma categoria é indiretamente confirmada pelo fato de que uma língua que não apresenta adjetivos, também não apresenta advérbios. O autor observa, ainda, que as restrições de ordenação dos adjetivos em relação aos núcleos nominais por ele modificados são bastante similares às restrições de ordenação dos advérbios em relação aos verbos que eles modificam. Essa similaridade fica explícita no tratamento fornecido em Cinque (1994) para os adjetivos e em Cinque (1999) para os advérbios, ambos vistos como especificadores de projeções funcionais, cujas posições são fixadas pela Gramática Universal.

Ao investigar, mais especificamente, o estatuto do formador *-ly*, Baker (2003) propõe que, na verdade, esse elemento deve ser analisado como um nome. Um dos argumentos do autor em favor dessa análise é a ideia de que os advérbios em *-ly* são semanticamente equivalentes a PPs, neste caso o adjetivo modifica um substantivo (ex. *cuidadosamente/ com cuidado*). Da mesma forma, *-ly*, assim como seus correspondentes em línguas românicas, são diacronicamente relacionados a substantivos. Na mesma linha, o autor pontua que algumas pistas da relação sintática de modificação atributiva ainda sobrevivem nas formações adverbiais. Por exemplo, em línguas como o PB, *-mente* se concatena, especificamente, à forma feminina de adjetivos. Na visão de Baker (2003) esse seria um fato surpreendente se tal elemento fosse considerado um afixo derivacional de mudança de categoria, uma vez que tais afixos normalmente se concatenam a uma base não flexionada. Finalmente, para Baker (2003), a observação de Jackendoff (1977) de que os advérbios não podem assumir complementos é explicada se o adjetivo for realmente um modificador atributivo, uma vez que modificadores desse tipo geralmente não aceitam complementos. Segundo o autor, essas seriam, portanto, evidências de que *-ly* e *-mente* não são sufixos gramaticalmente inócuos, mas sim núcleos nominais significando 'modo' que entram em construções de modificação atributiva.

A relação entre advérbios e adjetivos também é comumente formalizada na literatura através da ideia de um processo de formação de palavras denominado conversão morfológica. Tal processo seria capaz de alterar, por exemplo, a categoria de um adjetivo, transformando-o em advérbio (Basílio, 2007) sem, no entanto, provocar qualquer alteração morfológica. Basílio (2007), por exemplo, assume ocorrer uma conversão no PB quando se apresentam formas adjetivais ou adverbiais como nos exemplos a seguir:

- (21) a. João anda *rápido*.
 b. João fala *alto/baixo*.
 c. João falou *bonito* na escola.

Para a autora, nos exemplos como os em (21), temos vocábulos que se apresentam com uma forma morfofonológica de adjetivos. Contudo, com relação às suas propriedades sintáticas, como a associação a um VP, e a sua semântica de 'modo X', tais formações se aproximam também da classe adverbial.

Ao observar os dados, Basílio (2007) afirma que tanto as formas adjetivais, quanto as formações *-mente* podem ocorrer em uma mesma posição, mantendo o mesmo conteúdo semântico. Dessa forma, a autora assume que advérbios sejam adjetivos em contextos específicos, com uma leitura semântica de modo:

- (22) a. A menina tocou *fácil* a música.
 b. A menina tocou *facilmente* a música.
- c. Clara entrou *lento* em casa.
 d. Clara entrou *lentamente* em casa.
- e. Maria correu *rápido* para escola.
 f. Maria correu *rapidamente* para escola.

Basílio (2007), analisa, então, dados como os ilustrados em (22a-f), via um fenômeno de conversão, no qual os adjetivos transformam-se em advérbios. A autora ressalta, no entanto, que existem contextos nos quais a formação correspondente do adjetivo e do advérbio em *-mente* não é licenciada. Dessa forma, em alguns casos, como exemplificado em (23), a alternância entre advérbios e adjetivos se torna agramatical:

- (23) a. A menina canta *alto*.
 b. * A menina canta *altamente*.
- c. Maria está *calma* para sua apresentação.
 d. * Maria está *calmamente* para sua apresentação.

É interessante ressaltar que a análise apresentada pela autora é baseada em uma perspectiva teórica lexicalista, na qual a mudança de categoria ocorre por meio de um processo lexical. Analisando essa proposta, pontuamos que a natureza formal da operação lexical que transforma a categoria da palavra não é formalmente explicitada, tornando difícil prever os limites do processo, que se apresenta mais como uma ferramenta descritiva do que propriamente explicativa.

Na próxima seção, abordamos a perspectiva presente na literatura de que os advérbios possuem características próprias e devem, portanto, ser tratados como uma classe independente das outras categorias.

5. ADVÉRBIOS COMO CATEGORIA INDEPENDENTE

A abordagem de distribuição complementar entre adjetivos e advérbios, ou seja, de que ambos são modificadores, mas em domínios sintáticos distintos tem servido como base para sustentar a proposta de que adjetivos e advérbios teriam o mesmo estatuto categorial. Segundo Payne et. al. (2010), no entanto, tal argumentação é superficial, uma vez que há um número substancial de exemplos, pelo menos no inglês, em que essa complementaridade não se mantém. Dessa forma, contra a hipótese de que adjetivos e advérbios sejam variantes de uma mesma categoria, Payne et al. (2010) apontam diferenciados contextos sintáticos nos

quais a suposta distribuição complementar entre essas duas classes é desfeita.

Nesse sentido, a partir de uma coleta de dados que levou em consideração a frequência de *tokens* de adjetivos e advérbios no Corpus Britânico Nacional (BNC), os autores exploraram uma variedade de dados que incluem, por exemplo, a possibilidade de que advérbios modifiquem nomes, tal como em (24):

- (24) In view of your decision regarding Burma the British Government was not making any formal request to you for [the *use temporarily* of Australian troops to defend Ceylon].

(Payne et al., 2010, p. 42)

No exemplo em (24), o advérbio *temporarily* ('temporariamente') apresenta-se como um modificador pós-nominal. Segundo os autores, o fato de o advérbio preceder a locução preposicional *of Australian troops* ('de tropas australianas') o torna sintaticamente um modificador interno do substantivo. Outros exemplos trazidos pelos autores na mesma linha de raciocínio podem ser vistos abaixo:

- (25) a. [The unique role globally of the Australian Health Promoting Schools Association], as a non-government organization specifically established to promote the concept of the health promoting school, is described.

(i) The NHS and [other health organisations internationally] clearly need methodologies to support benefit analysis of merging healthcare organisations.

(ii) Earlham College's modern equestrian center will become even more impressive with [the addition soon of an indoor riding and show arena].

(iii) I express my profound disappointment at [the government's refusal yet again to take the high road and bring forth a motion to allow parliament to sit in committee of the whole].

(Payne et al., 2010, p. 43)

Na discussão promovida em Payne et al. (2010), o exemplo em (25a) aponta que os substantivos que participam dessas construções não são necessariamente derivados de verbo, como *role* (**it roled globally*). Além disso, embora haja um adjetivo (*global*) relacionado ao advérbio que pode ser empregado como um modificador pré-nominal, o significado dessa formação seria sutilmente diferente daquela em (25a).

Whereas in (17a) [26a] we are talking simply about the location in which the role is performed (globally as opposed, say, to nationally), the use of the

adjective strongly invites the inference that the role is an important one.⁴
(Payne et al., 2010, p. 43)

Na visão dos autores, o contraste semântico resultante da alternância entre advérbio e adjetivo é ainda mais clara em (25b): o emprego do adjetivo (*international health organisations*) implica que a NHS é uma organização de saúde internacional, enquanto o emprego do advérbio (*NHS and other health organisations internationally*) não traz essa leitura. A respeito de (25c), por sua vez, os autores apontam que, apesar de haver um adjetivo relacionado ao advérbio, tal elemento não pode ser usado como modificador pré-nominal (**the soon addition of na indoor riding and show arena*).

Finalmente, no exemplo (25d), há um modificador pós-nominal nucleado por um advérbio morfologicamente simples (*again*) para o qual não há nenhum adjetivo relacionado. A partir dessa discussão os autores concluem que efetivamente não há uma distribuição complementar entre adjetivos e advérbios.

Nessa linha de argumentação, os autores também apresentam, através dos dados coletados, a possibilidade de que adjetivos modifiquem adjetivos, tal como em (26a-b), o que deveria ser um contexto esperado para advérbios sob a assunção de uma distribuição complementar:

- (26) a. blind drunk, cold sober, plain daft, sore afraid, squeaky clean, filthy rich, pretty fine, jolly good, bloody stupid
- b. mad keen, anal retentive, silky smooth, pure archaic, repetitive boring, black British, traditional Irish

(Payne et al., 2010, p. 53)

Ainda segundo os autores, em diversos contextos nos quais se verifica a possibilidade de alternância entre adjetivos e advérbios, a escolha entre uma e outra classe é semanticamente contrastiva.

- (27) a. The assassin was cold sober/coldly sober
b. This conclusion is plain daft/plainly daft.

(Payne et al., 2010, p. 53)

Na interpretação dos autores, em (27a), *cold sober* significa ‘totalmente não

⁴ “Enquanto em (17a) [26a] estamos falando simplesmente sobre o local em que o papel é desempenhado (globalmente em oposição, digamos, a nível nacional), o uso do adjetivo convida fortemente à inferência de que o papel é importante”. (Tradução nossa)

embriagado’, mas a formação adverbial *coldly sober* denota a natureza calculista da sobriedade do assassino, mais plausivelmente no sentido metafórico de ‘friamente racional’. Da mesma forma, em (27b), *plain daft* significa ‘extremamente idiota’, enquanto a formação adverbial apresenta um significado mais literal de ‘obviamente idiota’.

A partir daí os autores argumentam que os advérbios possuem uma base conceitual própria que é distinta da dos adjetivos. A argumentação segue a estratégia tipológica de Dixon (2004), em que a identificação do adjetivo como uma classe de palavras independente é feita a partir da observação de que adjetivos apresentam uma base conceitual distinta daquela apresentada pelas categorias de nomes e verbos. Esse argumento tipológico é reforçado por uma investigação de frequência a partir da ideia de que a base conceitual de uma categoria será naturalmente refletida na frequência de uso de seus membros. Na visão dos autores, o resultado que emerge a partir do corpus no BNC é que os argumentos tipológicos e de frequência são bastante consistentes. Em linhas gerais, Payne et al. (2010, p.72):

- (i) A base semântica das classes de adjetivos e advérbios é em grande parte diferente, seja a partir de argumentos tipológicos ou relacionados à frequência;
- (ii) Existe apenas uma sobreposição lexical marginal entre os adjetivos e advérbios mais frequentes;
- (iii) A maioria dos adjetivos mais frequentes não possui um advérbio de modo correspondente em *-ly*;
- (iv) O papel semântico de *-ly* é muito diversificado;
- (v) Os adjetivos e advérbios mais frequentes são morfologicamente simples.

Nesse sentido, a partir de uma coleta que levou em consideração a frequência de *tokens* de adjetivos e advérbios no BNC, Payne et al. (2010) propõem que o emprego de adjetivos e advérbios está sujeito à veiculação de bases semânticas consideravelmente distintas, o que leva os autores a argumentar em favor da hipótese de que advérbios devem ser considerados uma categoria independente e separada das outras classes de palavras.

Além disso, é interessante ressaltar que os contextos morfossintáticos apontados por Payne et al. (2010), em que a suposta complementaridade entre adjetivos e advérbios é desfeita, englobam casos que escapam à tradição gramatical, apontando para o fato de que a semelhança entre as duas classes é apenas superficial.

Finalmente, as observações de (iii) a (v) parecem apontar para a adequação de uma

análise de *-ly* como um elemento derivacional em oposição ao suposto estatuto flexional argumentado por alguns autores (Bybee, 1985; Plag, 2003). Se o advérbio em *-ly* fosse considerada uma flexão do adjetivo, seria esperada uma frequência maior do emprego desse elemento, uma vez que a flexão é tradicionalmente considerada como um elemento obrigatório, diferentemente do apontado em (iii) e (v). Além disso, elementos flexionais tendem a ter uma semântica pouco diversificada, ao contrário do apontado em (iv).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos discutir alguns dos estudos na literatura acerca do estatuto categorial dos advérbios, agrupando-os nas seguintes linhas:

- Propostas que assemelham advérbios e preposições (Lemle, 1984; Lee, 1999);
- Propostas que assemelham advérbios e pronomes (Bomfim, 1988);
- Propostas que assemelham advérbios e adjetivos (Baker, 2003; Basílio, 2007);
- Propostas que defendem advérbios como classe independente (Payne et al., 2010).

Na primeira linha de análise, Lemle (1984) aborda as semelhanças semânticas e sintáticas entre preposições e advérbios, propondo a existência de uma única classe, a das preposições, que poderia ser transitiva, como as preposições tradicionais, ou intransitiva, como os elementos anteriormente classificados como advérbios. Na mesma linha de raciocínio, Lee (1999) define um subconjunto de advérbios que funcionam de maneira semelhante às preposições. Dentre as propriedades elencadas pelo autor estão: o licenciamento na posição de complemento de verbos que licenciam PPs; a posição de modificador pós nominal; o licenciamento no complemento de preposições e, finalmente, o fato de poderem tomar PPs como complementos.

Ainda sob esse cenário de discussão sobre a categoria adverbial, Bomfim (1988) assume que advérbios locativos e temporais que funcionam como dêiticos apresentam comportamento sintático similar a pronomes, podendo, por exemplo, ocupar a posição sintática de sujeito nas estruturas e substituir sintagmas nominais. É importante ressaltar que, embora os advérbios *ontem*, *amanhã*, *hoje*, *cedo* e *tarde* apresentem algumas características semelhantes à de pronomes dêiticos, também apresentam características comuns a classe dos advérbios, como a propriedade central de modificação de um elemento verbal.

Por sua vez, as discussões que assemelham advérbios e adjetivos, são baseadas na

ideia de que tais elementos atuam como modificadores em distribuição complementar, apresentando, portanto, muitas similaridades sintáticas e morfológicas, tal como apontado por Baker (2003). Finalmente, Payne et. al. (2010) representam uma linha de argumentação na qual advérbios são vistos como uma categoria única e independente. Os autores afirmam que os advérbios possuem propriedades sintáticas e semânticas singulares que os distinguem de outras classes de palavras como pronomes, preposições e até mesmo adjetivos. Além disso, os autores apontam, através de um estudo de *corpus*, diversos contextos em que a suposta distribuição complementar entre adjetivos e advérbios é desfeita. Ressaltamos, que a seleção da temática sobre o heterogêneo estatuto categorial dos advérbios adotada nessa pesquisa, teve como principal objetivo trazer luz ao debate literário atual. Por fim, esperamos que este artigo contribua para o avanço das pesquisas sobre o fenômeno em questão, seja ao corroborar estudos já existentes, seja ao suscitar novas problematizações, reconhecendo que o conhecimento científico se desenvolve a partir de questionamentos contínuos.

Controversies regarding the categorical status of adverbs

ABSTRACT:

Adverbs are a subject of constant debate in the literature, with authors who have studied the topic differing in their views on how to define this class of words. In the literature, adverbs are often considered a subclass of other categories, such as prepositions (LEMLE, 1984; EMONDS, 1976; LEE, 1999), pronouns (BOMFIM, 1988), or adjectives (BAKER, 2003; BASÍLIO, 2007; LOBATO, 2008), for example. However, arguing that adverbs exhibit a unique morphosyntactic behavior that sets them apart from other categories, some authors (JACKENDOFF, 1977; PAYNE et. al., 2010) propose that these elements constitute a distinct and independent categorial class. In this controversial context, this article reviews and organizes the literature on the categorial status of adverbs. It aims to revive debates surrounding this complex grammatical class and shed light on the problem of their linguistic classification, since this class poses a major challenge to linguistic theories, and there is still no consensus on its categorial status.

KEYWORDS: Adverbs. Category. Subcategory. Adjectives. Pronouns. Prepositions.

REFERÊNCIAS:

BAKER, M. **Lexical categories**. verbs, nouns, and adjectives. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007 [1987].

BOMFIM, E. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1988.

BYBEE, J. L. **Morphology**: a study of the relation between form and meaning. Amsterdam: Benjamins, 1985.

CÂMARA, JR. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 30 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999 [1970].

CINQUE, G. **Adverbs and Functional heads**: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and binding**. Cambridge, MA: MIT Press, 1981.

CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DÉCHÂINE, R. M. A estrutura interna do vP em Plains Cree. **Anais do Oitavo Workshop sobre a Estrutura e o Grupo Constituinte das Línguas das Américas**. Vancouver: Universidade da Colúmbia Britânica, 2003.

DIXON, R. M.W. Adjective classes in typological perspective. *In*: Dixon R. M.W. & A. Aikhenvald (eds.) **Adjective classes**: a cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press, 2004.

EMONDS, J. **A Transformational Approach to English Syntax**: Root, Structure-Preserving and Local Transformations. New York: Academic Press, 1976.

EMONDS, J. **A Unified Theory of Syntactic Categories**. Dordrecht: Foris, 1985.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a Posição dos Advérbios. *In*: A. T. Castilho, (org.), **Gramática do Português Falado –Vol. I: A ordem**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 53-120, 1989.

JACKENDOFF, R. **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1972.

_____. Restrições em regras de estrutura de frase. *In*: Peter W. Culicover, Thomas Wasow & Adrian Akmajian (eds.). **Sintaxe formal**. Nova York: Academic Press, p. 249-283, 1977.

LEE, D. Intransitive prepositions: Are they viable? *In*: COLLINS, Peter; LEE, David (ed.). **The Clause in English**. 1 ed. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 133-147.

LEMLE, M. **Análise Sintática: teoria geral e descrição do português**. São Paulo: Ática, 1984.

LOBATO, L.M.P. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. *In*: VOTRE, S. e RONCARATI, C. (orgs). **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MACAMBIRA, J. R. **A Estrutura Morfossintática do Português: aplicação do estruturalismo linguístico**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

PAYNE, J.; HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. K. The distribution and category status of adjectives and adverbs. **Word Structure**, v. 3, n. 1, p. 31-81, 2010.

PLAG, Ingo. **Word-formation in English** (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TEIXEIRA, Z. D. **Propriedades sintáticas e semânticas dos advérbios no Português**

Brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2015.